



PAÍS DO FUTEBOL

HISTÓRIAS REAIS

3º caderno ★ Página 16 ★ FOLHA DE S. PAULO ★ São Paulo, terça-feira, 29 de abril de 1997

Índios disputam sua maior batalha

MÁRIO MAGALHÃES
 enviado à Maloca da Raposa (RR)

A poucos metros do gramado ca-reca, antes de um amistoso, jogadores tomam o caxiri, bebida à base de mandioca fermentada.

“Nos dois primeiros dias, o caxiri dá força, mata a fome e a sede, é uma vitamina”, diz o meia João, 37. “A partir do terceiro dia, mais fermentado, fica muito forte, mais que cachaça, e nos deixa tontos.”

Mesmo assim, João e seus companheiros bebem o caxiri, antes e depois das partidas, como fazem desde os seis meses de idade. É um hábito — e prazer — secular da tribo macuxi, a maior do Estado de Roraima, com 11.598 integrantes.

O time de João, a seleção de Cantagalo, é um dos 91 que desde o fim-de-semana retrasado dispu-

tam o 1º Campeonato das Comunidades Indígenas de Roraima. É a maior competição exclusiva de índios de que já se teve notícia no futebol do país.

Para seus organizadores, nunca houve, em todo o planeta, nada igual.

Cada equipe representa uma comunidade diferente. Elas ficam entre a serra da Lua, ao sul da capital Boa Vista, e a serra do Sol, na fronteira com a Venezuela, compostas pelas duas maiores nações indígenas do Estado — além dos macuxis, os wapixanas, com população de 3.500 pessoas.

Branco vetado

Foram escolhidas dez sedes para as partidas, como numa Copa do Mundo. A final será em outubro. Brancos são proibidos — se algu-

ma equipe se reforçar com um não-índio, será eliminada. O máximo permitido são mestiços, desde que tenham sangue indígena.

Devido às distâncias entre as aldeias, às vezes superiores a 500 km, nem todos os times, mas cerca de 50, participaram da cerimônia de abertura do campeonato, na Maloca da Raposa.

O local, uma vila macuxi de malocas cobertas com palha de buriti, fica 178 km a nordeste de Boa Vista, por uma estrada de terra cortada pelo rio Uraricoera, ou a 248 km, pela estrada que beira a Guiana, quase toda não asfaltada.

Na festa, os índios desfilarão uniformizados ou vestidos como no passado recente, entre a nudez total de antes da chegada dos portugueses a Roraima, no fim do século 18, e o figurino padrão do ín-

dio brasileiro contemporâneo, short e sandálias havaianas.

Um dia antes da abertura e dois antes do jogo de estréia, várias equipes chegaram à Raposa, dormindo em redes, nas malocas cedidas pelos anfitriões. Times femininos jogaram um amistoso antes da primeira partida oficial. O futebol é hoje uma das febre culturais entre os índios brasileiros. No ano passado, os Xavantes venceram as Primeiras Olimpíadas Indígenas disputadas por 18 tribos.

Em fevereiro, 300 índios de quatro etnias presentes em São Paulo participaram do 1º Intertribo.

Para o ano que vem, Roraima planeja um mundialito indígena, com a participação também de times do Amazonas, do Pará, da Guiana e da Venezuela.

O futebol foi introduzido nas al-

deias por brancos, entre os quais missionários católicos.

O índio Marco dos Santos, pensador da tribo dos fulniôs, no sertão pernambucano, acha que os povos indígenas se apropriaram de um esporte de brancos para afirmar, num aparente paradoxo, a sua própria identidade.

“O índio tenta mostrar, com o futebol, que é melhor do que o branco”, diz.

O bisavô paterno de Garrincha, ponta-direita bicampeão mundial em 58 e 62, eram fulniôs.

Na fila do churrasco bancado pelo governo de Roraima na Maloca da Raposa, os atletas uniformizados furavam a fila, passando à frente até de mães com bebês.

Uma antropóloga presente disse que, para os índios, os jogadores são seus novos guerreiros.

Onde fica

VENEZUELA

Maloca da Raposa, local da abertura do 1º Campeonato das Comunidades Indígenas de Roraima

Boa Vista

RORAIMA

Localização: 178 km a nordeste de Boa Vista (RR)

Times: 91, cada um de uma comunidade indígena

Tribos: são representadas as duas maiores de Roraima, macuxi e wapixana

Proibição: inscrição de jogador branco elimina a equipe “Energético”: caxiri, bebida feita com mandioca fermentada

Padres jogam com indígenas

do enviado à Maloca da Raposa (RR)

Na reunião dos dirigentes das equipes para aprovar a fórmula do campeonato, um tuxaua (chefe político) octogenário representou sua comunidade, junto com o técnico do time.

Ele concordou com a proposta apresentada por Warloman Barbosa, assessor esportivo do governo estadual, patrocinador da competição, e recebeu um conjunto de camisas e calções.

Se dependesse apenas de sua vontade, o tuxaua não estaria ali. Uma semana antes, os jovens da sua aldeia se rebelaram contra a decisão do líder de não enviar uma seleção para o torneio.

O tuxaua é também pastor da Igreja Batista. Para defender a oposição ao futebol, pregava que “bola é uma coisa do diabo”. Pressionado, dobrou-se.

Religião e futebol

O futebol une e a religião separa os macuxis. A comunidade de Cantagalo, por exemplo, é católica. A do Contão, batista.

Quando um índio cai doente de malária ou tuberculose no Contão, não é levado para o hospital mantido por missionários católicos em Surumu, a menos de 40 km.

Os líderes macuxis evangélicos preferem transportar o enfermo por 201 km, até Boa Vista, para não interná-lo com os padres.

A expansão das religiões europeias talvez seja o maior traço do acultramento dos macuxis.

No século 19, eles eram considerados “insolentes e rebeldes” por se recusarem a ensinar sua língua aos brancos, conforme relata Aimerê Freitas em “Geografia e História de Roraima”.

Em 1974, havia celebrações católicas na Maloca da Raposa no idioma macuxi, conta o jogador Bacurau, do Três Corações.

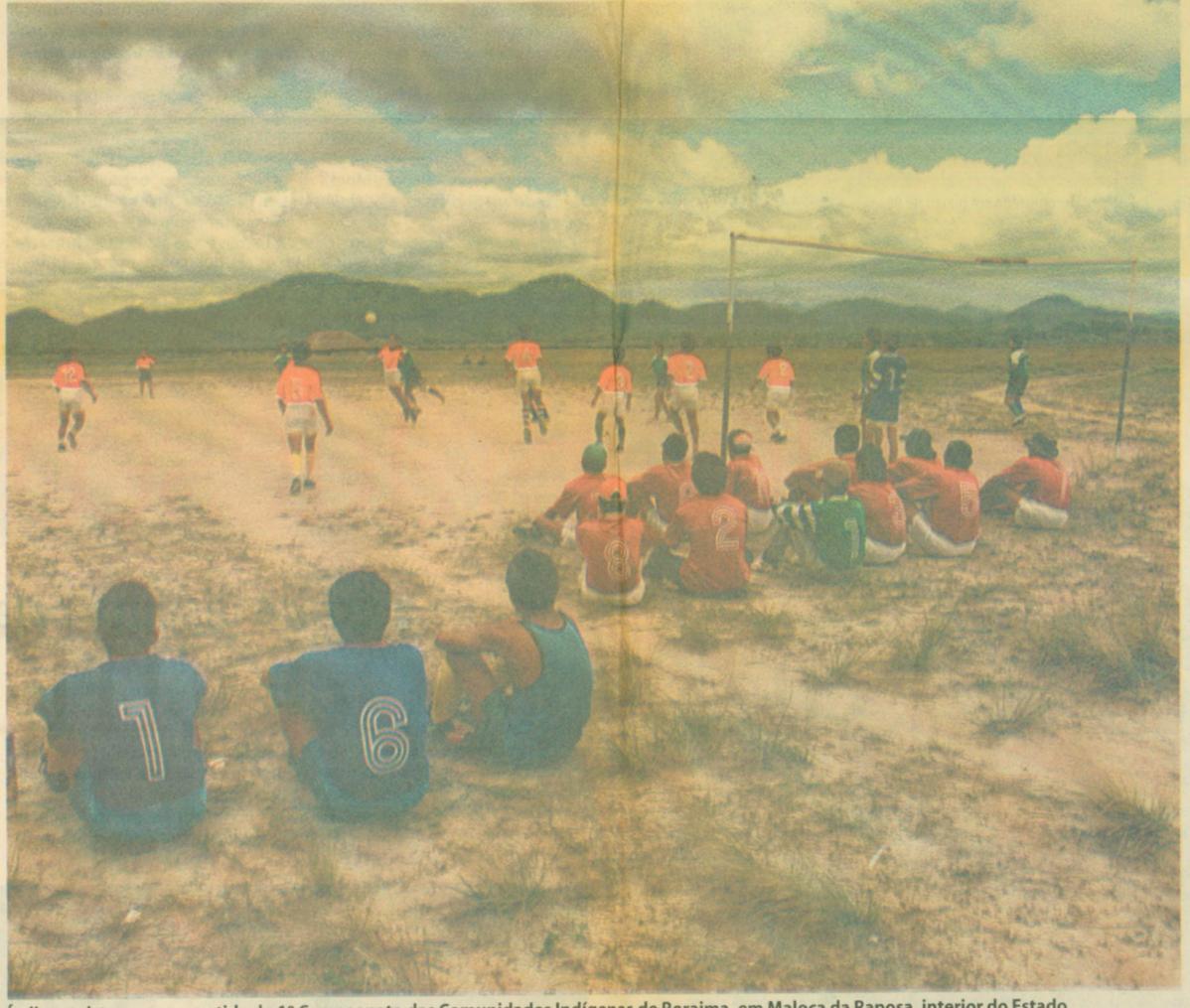
Hoje, só os mais velhos falam macuxi. Na escola da Maloca da Raposa, a turma da 7ª série recebe duas aulas semanais de inglês, mas nenhuma de macuxi.

Uma das poucas escolas do idioma indígena no norte de Roraima é mantida por missionários, os mesmos que incentivaram o futebol nas aldeias.

No internato de Cantagalo, padre Antônio costuma jogar com os índios.

Entre os hábitos ancestrais trazidos do Caribe, de onde teriam fugido de colonizadores, os macuxis mantêm a agilidade na caça (veados, capivaras, pacas e as poucas onças que restam no lavrado) e a opção pela poligamia — um índio chega a ter quatro mulheres.

Até hoje, os mortos não são enterrados, mas colocados em panelões funerários ao relento. (MM)



Índios assistem a uma partida do 1º Campeonato das Comunidades Indígenas de Roraima, em Maloca da Raposa, interior do Estado



Macuxi chuta para marcar gol no torneio, que tem 91 times de índios



Índios disputam bola durante partida de exibição do campeonato

Aldeias revelam profissionais

do enviado à Maloca da Raposa (RR)

Bacurau é uma ave noturna, de ótima visão no escuro e que se alimenta de insetos.

Assim é chamado Francisco dos Reis, um índio macuxi de 32 anos que, apesar da idade, ainda fez sucesso no futebol profissional de Roraima, implantado em 1995.

Ele foi ponta-direita do Atlético Roraima e do Rio Negro, dois dos seis clubes que participam do Campeonato Estadual.

Há pouco, pediu à Confederação Brasileira de Futebol sua reversão à condição de amador, para fortalecer o Três Corações Futebol Clube, time indígena da região do rio Amajari.

Bacurau começou a jogar aos 12 anos, quando morava na Maloca da Raposa e falava macuxi, idioma que hoje só entende, depois de muitos anos morando em Boa Vista, onde dirige uma pequena empresa de construção civil.

Olheiro

Ainda adolescente, o ponta-direita foi estudar numa missão católica em Surumu, onde os dois padres se divertiam jogando futebol com os índios.

Um certo padre Guilherme sobreviveu na memória de Bacurau como um meia habilidoso.

Nos anos 80, quando jogava uma pelada em Boa Vista, Bacurau foi visto por um olheiro e acabou no Rio Negro, ainda um time amador.

Filho de mãe indígena e pai descendente de cearenses brancos, o jogador volta à sua aldeia todos os fins-de-semana.

Resolveu abandonar o profissionalismo, onde tudo que recebia eram prêmios de R\$ 50 por vitória, para ajudar Três Corações a vencer o megatorneio.

Ele não foi o único índio a jogar numa equipe profissional.

O ala Guimarães, da comunidade do Contão, está no Baré, o mais popular clube roraimense.

Para Bacurau, uma das principais vantagens dos índios sobre os brancos é o preparo físico, aprimorado nas caçadas.

“Não há hora para nós. Como jogamos sob sol, a qualquer instante, ficamos resistentes.”

Os macuxis costumam ainda hoje fazer pequenos cortes na batata da perna, onde aplicam uma mistura de ervas.

Eles acreditam que a poção evita varizes e fortalece a musculatura.

O futebol é a sua mais nova frente cultural de embate com os brancos — a principal, mais objetiva, é a exigência de demarcação de terras.

É o que exigiram 300 índios numa manifestação há duas semanas, na visita de Fernando Henrique Cardoso a Roraima. (MM)